

MICHAEL CERQUEIRA E PRISCILA PORTELA

PLUG MINAS: Espaço multisetorial de gestão e políticas públicas para a juventude

Fundação Getúlio Vargas e Universidade Estadual Vale do Acaraú
2012

Sumário

1. Introdução	3
2. Plug Minas: Inovação em política pública para a juventude	3
2.1 Infraestrutura: Cuidados aos detalhes, símbolos e espaço.....	4
2.2 Multisetorialidade: Relação entre governo, iniciativa privada e terceiro setor.	5
3. A passarela e a relação entre os alunos: A questão dos núcleos.....	7
3.1 Núcleo Caminhos do Futuro	7
3.2 Oi Kabum.....	8
3.3 Núcleo Empreendedorismo Juvenil.....	9
3.4 Laboratório de Culturas do Mundo	10
3.5 INOVE.....	10
3.6 Núcleo Amigo do Professor	11
3.8 Valores de Minas.....	12
4. Gestão compartilhada	13
4.1 CODAP.....	13
5. Encontro de culturas e seus conflitos.....	14
6. O Plug Minas e seu impacto frente a sociedade e ao seu entorno	15
7. Futuro: Problemas, desafios e o papel vanguardista do projeto	16
8. Conclusão	17
9. Bibliografia	17

1. Introdução

O projeto Plug Minas é um Centro de Formação e Experimentação Digital para Jovens, advindos de diversas escolas da rede pública de Belo Horizonte e Região Metropolitana, proporcionando oportunidades de desenvolver suas aptidões para as áreas de empreendedorismo, jogos digitais e artes através dos mais variados aspectos de tecnologia e cultura digital. O projeto foi pensado pela Secretaria de Cultura do Estado em parceria com a Secretaria de Esportes e Juventude, mas é acompanhado e analisado pela Secretaria de Planejamento e Gestão (SEPLAG) e tem a administração realizada por uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), o Instituto Cultural Sérgio Magnani (ICSM).

Por envolver o Estado, o setor privado e o terceiro setor, o Plug Minas é uma interessante experiência proporcionando o encontro de diferenças – sejam elas no público que faz parte dos projetos ou nas partes envolvidas na gestão – em um espaço somente. Apesar de ser destacável o cuidado em sua infraestrutura e o espaço do jovem na tomada de decisões no projeto, a questão de ser um projeto oneroso e com um número limitado de jovens também demanda atenção.

O objetivo desse relatório é aprofundar essas discussões e apresentar um prospecto amplo do projeto, permitindo ao interlocutor compreender as nuances do projeto. O desenvolvimento de nossa pesquisa se deu através de entrevistas com diretores, coordenadores, professores, alunos e todos que envolvem e tem participação direta e indiretamente no Projeto Plug Minas. A divisão do relatório se dá de forma a explicitar os principais focos e discussões das experiências, permitindo uma visão mais profunda de cada elemento. Sua estrutura está baseada na descrição das principais nuances do projeto, bem como seu desenvolvimento, parcerias, núcleos, alunos, infraestrutura, além da visão analítica do mesmo. A pretensão através da experiência é descrever paulatinamente o projeto como todo, desde sua pré-existência, focando principalmente no que diz respeito a seu modo de gestão atual e as principais questões que surgiram nas três semanas de contato.

2. Plug Minas: Inovação em política pública para a juventude

A visão sobre a juventude na elaboração de políticas públicas no Brasil sempre foi objeto de mudanças. Passando pelo caráter elitista, típico dos anos oitenta, no qual eram considerados jovens aqueles que estavam no ensino universitário – ou seja, uma parcela ínfima da população, relegada nas classes médias – ou na abordagem do jovem como problema, tendência observável no cenário dos anos noventa, no qual as políticas do governo visavam cobrir problemas relacionados à gravidez precoce e as drogas, o Brasil passou por uma redefinição estratégica importante a partir nos anos dois mil (ABRAMO, 2005). Essa ação colocou a juventude sob outro espectro, buscando construir



táticas que pudessem responder aos anseios desse grupo social, permitindo aliar os interesses da nação à inserção juvenil. Desse movimento nasce em 2003 na Câmara dos Deputados a Comissão para Juventude, responsável pela criação do Estatuto da Juventude e do Plano Nacional da Juventude (FREITAS, 2005).

Nesse contexto dentro do que fora proposto pela administração do Estado de Minas Gerais a partir de 2003 previa-se que a juventude assumisse um maior espaço nas discussões políticas, permitindo assim que novas iniciativas surgissem no âmbito da juventude, área na qual políticas públicas ainda refletiam o enfoque dado durante a década de 90, e que permitiu que novas iniciativas pululassem em Minas Gerais. Sob a área da juventude, organizado sob o Projeto Estruturador Jovens Mineiros Protagonistas estão as experiências Poupança

Jovem, Programa de Educação Profissional e o Plug Minas (ALVES, et al), sendo o último a experiência indicada pela Escola de Governo João Pinheiro e foco deste trabalho.

Pensado inicialmente como um Centro de Referência para a Juventude, o Plug Minas nasce nesse contexto de transformação nos enfoques das políticas públicas. Idealizado pela Secretaria de Esportes e Juventude (SEEJ) o projeto foi naturalmente se aproximando de outras secretarias e ganhando novas formas conforme se amadurecia a ideia. Com a proximidade da Secretaria da Cultura (SEC) se demandou novos horizontes e a criação de um espaço para a cultura digital começou a ser delineado. Após a concepção de uma proposta técnica preliminar, em parceria com o Centro de Estudos e Sistemas Avançados de Recife (C.E.S.A.R), começaram a sair do papel o projeto que tinha como intenção servir de espaço para juventude respondendo ao anseio do governo de promover o protagonismo desta.

Frente a necessidade do espaço para a realização do projeto, se pensou em utilizar a área da FEBEM do bairro de Santa Inês que havia sido desativada. Inicialmente pensada em se transformar em um centro olímpico, foi considerado adequado para o projeto a presença do Plug Minas.

O que se observa hoje é um espaço que busca superar o período de repressão e traz um novo sentido ao bairro, fazendo com que diversas pessoas dos mais diferentes lugares de Belo Horizonte se encontrem para atuar em diferentes áreas e focos. Atualmente o projeto conta com oito núcleos, número que incentivou a criação do NPG – Núcleo de Planejamento e Gestão, responsável por oferecer suporte às experiências, além de organizar toda a rede de empregados, executores e mantenedores, formados por uma equipe que coordena o Plug Minas, em vias de se manter as diretrizes do projeto e acompanhar os resultados pactuados.

2.1 Infraestrutura: Cuidados aos detalhes, símbolos e espaço

Transformar um espaço que antes era símbolo de repressão em política pública na área da juventude envolve bastante cuidado e planejamento para a eficácia do projeto, uma vez que a forma de construção interfere diretamente no desempenho daquilo que se propõe, dada a importância do suporte ao aluno para o êxito de suas atividades.

Já na entrada do Plug Minas, a impressão é de quebra em relação ao entorno, uma vez que a rua em que o projeto se insere é bastante simples situando-se ao lado de duas escolas públicas e em frente a residências e a um campo de futebol sem estrutura. Ao se observar uma parede de vidro transparente e um acesso amplo, com bastante grama além de uma intervenção das associações de bairro que produziram bandeiras representando diferentes regiões da cidade a impressão é de que algo grandioso aguarda aqueles que adentrem o lugar. Outro aspecto importante é a presença da catraca uma vez que é necessária a identificação para acesso ao projeto, essenciais para a construção dos indicadores referentes a frequência, mas questionáveis se não são um impedimento ao acesso da comunidade. Em um espaço muito amplo, através da passarela – caminho cimentado ligados por duas estruturas altas de concreto - tem-se o acesso aos núcleos, nos quais por meio da cultura digital, empreendedorismo e artes é proporcionado aos jovens o desenvolvimento de suas aptidões nas mais diversas áreas.

As paredes coloridas dos núcleos e a limpeza constante dos espaços servem como contraponto ao que se espera de um local que já foi uma FEBEM, sendo equipado inclusive com elevadores que facilitam o acesso para alunos cadeirantes a qualquer ambiente. O cuidado em ter a grama sempre verde e amplos espaços para sentar-se e praticar atividades como o *slackline* – esporte no qual é amarrada uma corda elástica entre duas árvores e se busca equilibrar-se nela de modo a realizar manobras – dão aos jovens experiências que transcendem seus cursos. A preocupação em não ter grades em nenhum espaço e de ter os núcleos abertos e com espaço para o verde e para o encontro demonstram os valores que norteiam o Plug Minas.



Por ter como público estudantes oriundos da escola pública e devido ao caráter que o sistema de educação assume no país – uma vez que a educação pública está relegada aqueles que não possuem dinheiro para investir no ensino privado, aqueles que acessam a experiência se dividem majoritariamente entre alunos com renda de até três salários mínimos – representando um universo de 75,6% dos alunos que acessaram o Plug Minas em 2012. Para que a condição social não fosse um impedimento para a realização das atividades, o projeto prevê o fornecimento do transporte e uma das refeições. O Plug-Rango, o espaço destinado a alimentação dos estudantes, oferece lanche e almoço, sendo equipado com mesas e cadeiras apropriadas e contribuindo para a convivência e integração dos alunos. Na entrada há um cardápio pregado detalhando as opções da semana, que envolvem sempre duas opções de mistura, saladas e uma sobremesa.

Além desse ambiente, existe o Plug-House, localizada dentro do NPG, onde os alunos tem acesso livre à internet e serve como apoio e intervenção à inclusão digital. Além da rede wi-fi disponível em alguns espaços.

O projeto ainda conta com atendimento de um enfermeiro e uma psicóloga. Inicialmente a ideia era de possuir um médico, o atendimento psicológico e de uma assistente social. Por questões práticas e de adaptação as necessidades do projeto. O que se materializou, no entanto, para suprir essas demandas foi a figura do enfermeiro e da psicóloga.

Na enfermaria o atendimento é básico: consultas comuns, pequenos curativos e algumas orientações em saúde. Casos mais graves são encaminhados para o Sistema Único de Saúde (SUS). Aparecem demandas básicas e simples devido ao acesso deficitário ao sistema público de saúde. Os atendimentos são sempre bastante informais, pois existe um cuidado em quebrar as barreiras de acesso aos alunos, uma vez que a porta da enfermaria fica sempre aberta e o enfermeiro prefere não trabalhar de jaleco. O objetivo é de que o aluno se torne um multiplicador, fazendo com que o aprendizado adquirido no consultório possa ser levado para a família e para a comunidade. No relatório do ano de 2011 são relatados aproximadamente 1000 atendimentos.

O atendimento psicológico dispõe de uma sala, com cadeira e birô comuns. No ano de 2011 foram 590 atendimentos. A psicóloga realiza um atendimento que se distancia do tradicional em consultórios psicológicos – adaptando-se às necessidades dos alunos, atuando como, por exemplo, orientadora profissional em alguns casos –, realizados por meio de marcação de horário, mas também existem as urgências e a visita espontânea de algum aluno a sala. Antes da presença da psicóloga no NPG, o serviço psicológico acontecia nos próprios núcleos – situação que ainda ocorre em alguns deles.

Uma demanda comum tanto do enfermeiro como da psicóloga é a falta da assistente social, uma vez que o limite de ação deles muitas vezes precisa ser suplementado por inexistência da área. Problemas relacionados às famílias – envolvendo inclusive casos mais graves, como situações de abuso sexual ou violência doméstica, situações que não puderam ser mais detalhadas devido ao sigilo que envolve a prática da profissão – acabam não sendo efetivamente solucionado, o que poderia ter outro direcionamento com a presença do profissional. A divergência quanto a presença do médico em relação ao projeto inicial é explicada pela presença do enfermeiro, que supriria as demandas necessárias.

2.2 Multisetorialidade: Relação entre governo, iniciativa privada e terceiro setor.

Tendência iniciada na década de 70 e 80 com a ascensão do liberalismo em governos como os Estados Unidos e a Grã Bretanha, a diminuição da presença do Estado na prestação de serviços para a população foi considerada uma saída para resolver os problemas fiscais de diversos Estados. No Brasil com a crise da hiperinflação somada com o aumento do nível de endividamento e a custosa folha de pagamentos do funcionalismo público se buscava uma solução para o problema. Com a volta à democracia os governos vindouros preocuparam-se em propor soluções na área, visando permitir a volta aos investimentos na nação. Nos governos Sarney e Collor/Itamar foi claro a tendência na privatização de alguns setores e a tentativa de desoneração do Estado (BRESSER-PEREIRA, 1996).

Contudo a maior reforma se deu durante a administração de Fernando Henrique Cardoso e sua preposição de Reforma do Estado. Por meio de seu ministro de Reforma do Estado, o também professor e pesquisador Luiz Carlos Bresser Pereira, e baseado nas diretrizes do *New Public Management* se propôs uma mudança na forma que o primeiro setor se prospectaria na sociedade. A ideia era promover um amplo ajuste

fiscal por meio da redução na folha de pagamentos e promover maior flexibilidade para a realização de serviços para a população em vias de tornar o setor público mais eficaz, eficiente e efetivo. A ideia inicial era dividir as atividades do governo em quatro áreas: o Núcleo Estratégico – ministérios, secretarias, legislativo, judiciário - e as Atividades Exclusivas – polícia, fiscalização, seguridade social - funções exclusivas estatais e os serviços não exclusivos – educação, saúde, cultura – e produção para mercado – empresas estatais - que permitiam maior relação com o setor privado (BRESSER-PEREIRA 1996).

O que se observou é que a divisão das atividades nesses quatro setores se deu de forma desorganizada e a situação ficou longe do que se esperava. Na área de serviços não exclusivos – foco desse trabalho devido a natureza do projeto em estudo – a adesão dos órgãos foi dificultada e as legislações em torno do assunto se diferenciaram de forma a adaptar-se as necessidades de cada unidade de federação. Para a gerência desses serviços foi pensado no governo federal duas estruturas: a Organização Social (OS) e a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Nessa concepção a primeira seriam pessoas jurídicas do direito privado com atuação em áreas pré-determinadas – cultura, educação, meio ambiente entre outros – sem fins lucrativos de modo a gerir iniciativas estatais e o segundo como um título especial que garantiria a possibilidade de se firmar convênios. No entanto, com o avanço dessa tendência no Brasil cada estado passou a organizar sua lei de OS e OSCIP de formas diferentes. No Estado de Minas Gerais a gestão de alguns equipamento se dá por meio de um termo de parceria firmado entre o Estado e uma pessoa jurídica do direito privado sem fins lucrativos que obtenha o título de OSCIP – conquistado após se cumprir uma série de requisitos que versam entre as áreas que podem receber esse tipo de gestão e a forma de organizar as equipes da entidade. O modelo se mostra único e traz características da lei federal e próprias (MINAS GERAIS, 2003).

O caráter da lei busca que através do Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado – PMDI – que teve em vista o crescimento da juventude mineira nos anos vindouros, se desenvolvesse iniciativas que retirassem da alçada do Estado a administração desses projetos com a ideia de se potencializar o impacto na sociedade mineira. Nessa égide a área cultural se destaca, sendo a secretaria com o maior número de termos de parceria firmados. Desse movimento surge assim o Projeto Plug Minas, alavancando um modelo de gestão compartilhada, do que diz respeito a parceria entre o setor público, organizações sociais e instituições privadas.

O Projeto Plug Minas como já anteriormente introduzido foi uma iniciativa do governo do Estado de Minas, pensado pela Secretaria do Estado de Cultura em parceria com a Secretaria de Esportes e Juventude, mas sua gestão é feita pela OSCIP Instituto Cultural Sérgio Magnani (ICSM), ocorrendo por meio do termo de parceria, destinado ao fomento e execução de atividades de interesse público, previsto através da Lei 14870/2003. A escolha de uma OSCIP para a execução do projeto responde a essa tendência no setor público, e no caso do Plug Minas, a escolha da ICSM se deu devido a sua experiência com a Fundação Clovis Salgado e a gestão do equipamento cultural Palácio das Artes – o que o qualificou para a gestão do projeto. Em conversas na Secretaria de Planejamento (SEPLAG) foi evidenciada a preocupação em criar processos de seleção na OSCIP – estendendo os critérios previstos em leis e evidenciando que não houve um processo institucionalizado para a escolha no caso do Plug Minas.

Contudo, a maior distinção do projeto está em trazer diferentes propostas da iniciativa privada dentro de um espaço gerido pelo terceiro setor e que recebe as verbas do governo. Apesar de parecer complexo, tal conjuntura permite que o projeto assuma a robustez que ele possui, uma vez que os gastos são divididos entre os parceiros. O Estado conta com uma gerente executiva, uma gerente adjunta, além de um arquiteto, uma secretária e um estagiário e fica com a responsabilidade da gestão do projeto como um todo, garantindo sua manutenção, pagamento dos funcionários, reformas do espaço, fornecimento de alimentação e transporte para os alunos além de participação na construção das diretrizes pedagógicas do projeto, alinhando-se com os objetivos do Estado para a sociedade. A OSCIP – o Instituto Cultural Sérgio Magnani – coordenado por Hannah Drummond, conta com uma equipe de 35 pessoas divididas na área financeira, na articulação institucional – espaço responsável pelos projetos de divulgação e criação de arte para o Plug, na enfermaria, na psicologia e na pedagogia, e são responsáveis pela administração do projeto. Para os mantenedores dos núcleos quaisquer questões os envolvendo ficam sob sua responsabilidade, desde a contratação de pessoal até o fornecimento de materiais e eventuais reformas que aconteçam dentro deles.

Essa sinergia é em boa parte explicada pelo trabalho próximo aos núcleos promovidos pelo Núcleo de Planejamento e Gestão. Por meio de sua superintendência pedagógica é tentado o alinhamento dos objetivos dos

cursos, promovendo a interação entre eles. Fruto da legislação mineira, que se estende sobre formas de controle e acompanhamento dos resultados pactuados, o trabalho sobre indicadores e a elaboração de relatórios também garantem um acompanhamento mais próximo e permitem que redefinições e problemas sejam resolvidos em curto prazo. Trimestralmente são enviados relatórios dos núcleos para o NPG e são constantes as reuniões. Tanto no Plug Minas quanto na sede do financeiro há uma grande preocupação em se auditar as contas e a avaliar o cumprimento das metas pactuadas. Anualmente a Secretaria de Planejamento e Gestão acompanha os trabalhos do projeto por meio de uma comissão, formada por um membro da SEPLAG, um membro do Instituto Sérgio Magnani, um membro da Secretaria de Cultura e um membro da sociedade civil. A partir deles são construídos relatórios gerenciais, públicos na internet, que servem para avaliar o projeto.

3. A passarela e a relação entre os alunos: A questão dos núcleos

Estar sob a premissa de ser um centro de referência de cultura digital e educação para os jovens faz de qualquer experiência um grande desafio. Trabalhar tais questões aliadas a um projeto pedagógico ambicioso que busca unir experimentação ao protagonismo juvenil com um público bastante diverso demanda recursos e um planejamento detalhado que consiga cumprir tais objetivos com excelência. A infraestrutura e os elementos do projeto precisam estar em consonância com que é desenvolvido, oferecendo suporte para a realização das atividades. E nesse ponto o Plug Minas parece cumprir sua função.

Pensando em oferecer aos jovens mineiros oportunidades nas áreas correlatas a inovação em educação para juventude com foco em cultura digital, o projeto buscou trazer para o seu guarda-chuva diferentes experiências que versam a arte, o empreendedorismo e tecnologia. Dividindo cada foco em um espaço distinto – denominado núcleo – o Plug Minas se decompõe em vários espaços, que apesar da sua semelhança física e dos esforços do alinhamento dos projetos pedagógicos guardam suas características. Divididos nos núcleos Valores de Minas, INOVE, Núcleo Empreendedorismo Juvenil, Laboratório Culturas do Mundo, Núcleo Amigo do Professor e Oi Kabum foi possível perceber diferentes questões, padrões e procedimentos em cada núcleo, em uma pluralidade única e bastante interessante que em analogia próxima, lembra a efervescência dos campus de universidades brasileiras que reúnem em suas faculdades públicos e interesses distintos.

No entanto, o cuidado em buscar a integração entre todos os núcleos é encontrado desde a fala de seus dirigentes até na forma de se pensar a estrutura do projeto. Em conversas com a coordenadoria pedagógica, com a gerência do projeto e com os coordenadores dos núcleos é possível observar como a relação entre as atividades de cada experiência busca estar interligada, criando uma identidade que supere a individualidade de cada núcleo e esteja sob a égide do Plug Minas. Ao observamos a organização do espaço físico fica claro a preocupação de proporcionar o encontro entre os alunos de diferentes núcleos. A figura da passarela é emblemática. Saindo de uma estrutura alta inclinada ela une todos os núcleos por meio de seus acessos, obrigando os alunos a se encontrarem no caminho ao ir embora ou chegar ao projeto. O espaço destinado à alimentação dos alunos - o Plug Rango – segue o mesmo ideário, estando no centro dos 70 mil metros quadrados do espaço.

Contudo um lugar que se propõe a tantos elementos acaba por trazer um público bastante diversificado e a individualidade e características acabam distinguindo cada lugar. O que se observa é que a integração entre os núcleos é complicada pelos mais diferentes motivos. As especificidades de cada núcleo estão a seguir, buscando levantar as demandas de cada núcleo, entendendo seu papel frente ao projeto.

3.1 Núcleo Caminhos do Futuro

O núcleo Caminhos do Futuro é o primeiro espaço com o qual o visitante tem contato. Facilmente confundido com uma simples portaria do espaço do Plug Minas, o Caminhos do Futuro tem como objetivo oferecer um espaço de encontro e servir de suporte para as atividades realizadas pelo projeto. Soma-se ao núcleo um auditório, alvo de intervenções constantes dos núcleos – e a portaria propriamente dita. Até esse ponto o acesso ao espaço é livre, uma vez que para se adentrar ao projeto é necessário ser aluno ou avisar a portaria a sua intenção dentro do projeto. O controle por meio da catraca é bastante rígido e nas três semanas de trânsito pelo projeto foi perguntado todos os dias qual seria a agenda e com quais pessoas se iria falar.

A administração do núcleo é a única que não tem parceiros privados, sendo responsabilidade do Instituto Sérgio Magnani e fazendo parte da equipe do mesmo. Os custos de manutenção entram no orçamento do Instituto assim como ele está presente em projetos de torna-lo sustentável.

O Caminhos do Futuro é o maior espaço de contato entre o entorno e o projeto. Nele acontecem importantes eventos que buscam projetar no entorno o que é produzido no Plug Minas. No auditório são constantes as exposições culturais, – sendo três durante o período de visitação – festivais de talentos ou a exibição de filmes para a comunidade – o Cine Plug.

3.2 Oi Kabum



O núcleo Oi Kabum é o primeiro da passarela, estando situado à direita daqueles que a iniciam a partir da portaria. Mantido por uma parceria com a Oi Futuro, e administrado pela ONG Associação Imagem Comunitária (AIC) é um projeto que possui semelhantes em outras cidades, sendo elas o Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Em Belo Horizonte – e mais especificamente no Plug Minas – é um espaço que não foge ao padrão dos outros núcleos, sendo bastante colorido, bem equipado e cuidado e com acesso facilitado ao verde.

Devido a característica do terreno é um dos núcleos cujo prédio possui dois andares, o que permite que intervenções sejam bastante constantes. A estrutura oferecida aos alunos é observável, uma vez que computadores de última geração, equipamentos atualizados de fotografia e salas amplas, além de armários individuais. Por ser o primeiro núcleo com o qual tivemos acesso, nos chamou atenção o número de intervenções artísticas pelo prédio, sendo constante o uso dos murais, dos corrimãos e mesmo dos armários para se questionar ou apresentar uma ideologia política – como identificado em um adesivo colado em um dos armários pedindo a saída do atual prefeito da cidade Márcio Lacerda.

Na conversa com seu coordenador, Roberto Almeida, foi explicitado o caráter profissional e o cuidado com que as atividades são tomadas no núcleo. Com 100 vagas abertas por ano se busca formar os alunos em cinco áreas diferentes - vídeo, fotografia, web design, design gráfico e computação gráfica. No entanto, a não validação do MEC como curso técnico criou a demanda de assim torna-lo. Conhecendo a experiência em meio a esse processo, é interessante observar como se constrói esse modelo e quais mudanças ocorrerão. Com a alteração, os cursos da Oi Kabum serão divididos em três: Audiovisual, multimídia e artes gráficas. O diferencial do núcleo estará em valer-se de 400 horas adicionais em oficinas eletivas de forma a não torna-lo meramente técnico e atentar-se para a formação de cidadão e aproximar-se das diretrizes pedagógicas do Plug Minas – que versam principalmente sobre o protagonismo juvenil. O curso terá a duração de 18 meses e haverá um ciclo básico para todas as modalidades oferecidas.

A Oi Kabum é também o único núcleo a oferecer uma bolsa aos alunos no valor de R\$ 100,00 – financiada pela Oi Futuro – , com o objetivo de que ele se insira na sociedade belorizontina, permitindo que ele custeie algumas demandas do curso, assim como espetáculos e deslocamentos pela cidade. Destaca-se que a bolsa não é fator predominante para a manutenção do jovem, mas é uma preocupação com que os resultados oferecidos pelo curso se estendam pela vida dele.

Contudo, não são somente aspectos positivos que marcam a Oi Kabum. Um aparente isolamento do núcleo em relação ao projeto é visto e comentado em diferentes ocasiões. Ao passo que nas visitas ao Plug Minas fosse comum observar alunos de diversos núcleos transitando pelo espaço, os alunos da Kabum estavam geralmente restrito ao seu núcleo. Por questões logísticas, o almoço é servido na própria Kabum e em entrevistas com alunos é possível perceber tal distanciamento. Essa não participação é evidenciada nas reuniões do Conselho Deliberativo dos Alunos do Plug Minas (CODAP) – entidade responsável pela representação dos alunos cuja estrutura vale-se de dois membros de cada núcleo – nas quais em nenhuma que estivemos presentes

havia representantes do núcleo. Essa problemática é inclusive percebida no Festival Oi Kabum – atividade promovida pelos estudantes apresentando os trabalhos produzidos durante a realização do curso – acontecendo após o encerramento das atividades dos outros núcleos e com pouca divulgação, cuja programação conseguimos ter acesso após ir lá, o que não aconteceu com outras intervenções do projeto, que estiveram divulgados na portaria e amplamente comentados em conversas dos alunos. A aproximação se deu de forma tão complicada que não fora possível o agendamento com nenhum professor e nenhum aluno se disponibilizou para uma rápida conversa. Na entrevista realizada com o coordenador se atribuiu esse distanciamento ao grande atarefamento que incorre sobre o núcleo, o que em parte representa uma realidade, uma vez que em todas as vezes que abordamos os alunos eles estavam compenetrados em atividades. No entanto, as questões de calendário e de divulgação extrapolam a esfera da ocupação e respondem a uma predisposição do núcleo – o que ocorreu também durante o Festival Plug Minas – evento semelhante ao Festival Oi Kabum, contudo envolvendo questões gerais sobre o projeto – que não contou com oficinas do núcleo ocorrendo concomitantemente.

A questão que fica é se essa indisposição nasce da particularidade dos alunos que entram – uma vez que foi levantado a hipótese destes serem mais maduros e terem uma visão distinta – ou se nasce da predisposição da AIC – nascida na UFMG com uma característica mais crítica frente a atuação do governo, o que se reflete na contratação dos professores. O que se observa é um núcleo fechado, pouco disposto a contar sobre si. Mesmo em conversas com o setor de psicologia se observa o quão fechado é o núcleo, uma vez que demandas somente surgem em casos gravíssimos.

O emblemático é que na avaliação da gerência do projeto o núcleo Oi Kabum estaria mais próximo do ideal das premissas pedagógicas, uma vez que há o incentivo a tutoria dos professores, fazendo-os exclusivos e remunerando-os por horas fora da sala de aula, mas por outro lado criando essa sensação de isolamento do projeto. A reflexão a se fazer é de até que ponto a Oi Kabum está realmente inserida no contexto do Plug Minas e de que maneira esse isolamento contribui ou não para o projeto e para o núcleo. Ser um espaço de experiências individuais tiraria o maior trunfo do Plug Minas que é o de reunir diferentes experiências em um lugar de convivência e troca. O problema inicia-se quando essa troca não é favorecida.

3.3 Núcleo Empreendedorismo Juvenil

Experiência administrada pelo SEBRAE com modelo de curso semelhante ao que já ocorre no Curso Técnico em Administração da Escola Técnica de Formação Gerencial – ETFG (Unidade Barão), o Núcleo Empreendedorismo Juvenil a primeira vista parecia não trazer grandes surpresas. Contudo sua gerência e seus alunos trazem a experiência um contato e impacto distintos.

Sendo o primeiro núcleo a esquerda da passarela sua organização é semelhante aos outros núcleos, com a diferença de ter somente um andar. A experiência abriu 210 vagas abertas e viu formados 152 alunos ao final de 2011. O espaço é repleto de salas de aulas e há um espaço gramado no centro do núcleo com algumas mesas. O curso oferecido é na área de empreendedorismo tendo validade como curso técnico. Nele se versam matérias de administração, sendo inclusive referência para os alunos na escolha de seus cursos universitários. O nível técnico é tamanho que alguns professores afirmam que os alunos saem equiparados aos primeiros anos da faculdade. Por outro lado há bastante cuidado em não tornar os cursos extremamente técnicos. Na fala da coordenadoria se observa um cuidado na elaboração dos cursos, buscando focar na formação cidadã.

Ao se observar as diretrizes pedagógicas é passível de questionamento a aplicabilidade do NEJ nelas, uma vez que os professores não são integrais e na sua maioria dão aulas também na unidade Barão. Contudo ao contrário do que se imagina, a relação dos alunos com o núcleo e com o projeto se constitui de forma diferente. Sem sombra de dúvida foi no NEJ onde encontramos pessoas mais dispostas a conversar e a expor suas opiniões, além na facilidade de se marcar horários e na satisfação de compartilhar o orgulho de fazer parte da experiência. Desde a coordenadora do núcleo, passando pela psicóloga e pelos os alunos, foi possível ter um grande prospecto da experiência dentro do Plug Minas.

Observando as histórias individuais é possível ver bastante casos de sucesso. É citável a história dos alunos Guilhermina Miranda e Guilherme Menezes que após o curso técnico de um ano no núcleo passaram a elaborar novos projetos em suas vidas. No caso de Guilhermina foi possível a aproximação da juventude mineira, vindo a ser nomeada Conselheira da Juventude do Estado de Minas Gerais e possibilitando sua

participação em diversos eventos dentre os quais a Rio+20 e no projeto ‘Turma do Chapéu’- experiência promovida pela Juventude do PSDB que visita as 27 capitais buscando conhecer os problemas delas. No caso de Guilherme o curso deu as ferramentas para que se concretizasse a ideia de empreender em um negócio próprio na área de alimentação. A atual recepcionista no Núcleo de Planejamento e Gestão Pollyane Aparecida também é ex-aluna do NEJ e devido a sua competência já recusou outras oportunidades e atualmente faz faculdade de administração.

A conexão entre o projeto e o núcleo fazem inclusive que uma das preocupações seja o vínculo muito forte dos alunos. Nas falas da psicóloga Luzia Xavier e da gerência do projeto é visível a preocupação em que os alunos deem outros passos e entendam o NEJ como uma fase para um caminho maior. Essa conexão nasce da proximidade e do acesso facilitado a decisão. Durante nossas entrevistas, era comum que alunos entrassem na sala da coordenação sem impedimento algum em um claro sinal de abertura para os alunos.

3.4 Laboratório de Culturas do Mundo

Nascido da vontade de trazer uma nova abordagem para o ensino de idiomas, o Laboratório Culturas do Mundo encontrou o obstáculo do financiamento para se conseguir tirar ideias do mundo dos planos. Idealizado pela sua atual coordenadora Cristiana Tinoco, o projeto previa trazer o ensino do idioma por meio da assimilação da cultura, tendo como apoio o ensino da cidadania e da cultura. O projeto encontrou uma sobrevida no financiamento oferecido pela Secretária da Copa do Mundo (SECOPA), porém com uma série de restrições, uma vez que se previa uma plataforma estritamente online para a realização de cursos em vias de se profissionalizar os estudantes para a Copa do Mundo. Após negociações se conseguiu um modelo híbrido, que garantiria uma aula presencial por semana.

Utilizando o espaço do Núcleo Empreendedorismo Juvenil e em parceria com a Cultura Inglesa e o Instituto Cervantes, local de trabalho de alguns professores e que permite que os alunos do LCM possam utilizar o espaço das duas instituições, o núcleo é bastante improvisado, mas extremamente profissional. É visível como a pequena equipe responsável pelo Laboratório está sempre atarefada, mas nem por isso deixando de ser atenciosos.

Na conversa com alunos do projeto fica claro como as aulas são pensadas e a seriedade como são tratadas. Segundo o relato de Bruna Camilo, estudante da PUC-Minas, as aulas são ministradas no idioma e há bastante uso da plataforma online, buscando complementar o que fora desenvolvido em sala de aula. Foi citado ainda a possibilidade de intercâmbio custeado para os melhores alunos e a possibilidade de trabalho voluntário durante a realização da Copa do Mundo. Destaca-se também o cuidado em abordar a formação cidadã do estudante, dedicando algumas aulas em relação a antropologia e a inserção do aluno na sociedade e na reflexão acerca do ensino do idioma. Se há o ensino do idioma durante a escola pública, por que os alunos não saem formados? De onde nasce a ideia de que para aprender inglês é necessário o financiamento de um cursinho? Dentro de um espaço para o aprendizado de novos idiomas se possibilita o questionamento e a reflexão, aproximando-se do que é pregado como valor pelo Plug Minas.

Entre os desafios estão a falta de espaço e o número reduzido de aulas presenciais. Mas ao que tudo indica os prédios que estão em reforma virão a dar sede para o Laboratório, permitindo a expansão do projeto.

3.5 INOVE

Idealizado dentro do próprio Plug Minas, o INOVE é uma parceria com a PUC-Minas e financiado pela USIMINAS com o objetivo de trazer a cultura digital e os jogos para um espaço para a juventude, respondendo a demandas dos jovens que gostem da área e aproximando dele algo em crescente no mercado de trabalho e bastante presente no mundo universitário.

Localizado ao lado da Oi Kabum com uma estrutura semelhante de dois andares, o prédio também é equipado com tecnologia de ponta e usa bastante do laranja em sua decoração. O contato com os alunos não é complicado, apesar de ele acontecer geralmente com aqueles que fizeram mais de um núcleo. Entre os que conversamos, a experiência no INOVE permitiu descobrir que a área de jogos digitais não era o que eles planejavam como carreira.

Um aspecto interessante encontrado no projeto é a possibilidade de extensão para os alunos da PUC-Minas, que são em sua grande maioria alunos da graduação em Jogos Digitais. Isso sem contar com a equipe de psicologia, que também são parte do alunato. Isso de certa forma permite maior proximidade dele, uma vez que para muitos a universidade já é uma realidade.

No entanto, isso não impede que os índices de evasão sejam os mais elevados. Em 2011 foram 500 vagas e somente 184 formados, uma taxa de aproximadamente 63% de alunos evadidos. Entre as explicações dadas estão à natureza do curso – que por ser de exatas e trazer maior complexibilidade pode desestimular os alunos – ou o atraso em iniciá-lo em 2011 que devido a problemas no processo seletivo fez com que as aulas começassem depois do início do calendário oficial diminuindo o número de jovens formados. Frente ao problema se pensou em novas estratégias para solucionar a questão, reduzindo o curso de um ano para seis meses e permitindo uma formação menos técnica.

Segundo a fala da coordenadora houve uma mudança do software utilizado pelos alunos para desenvolvimento dos jogos, adotando outro de melhor utilização e fácil compreensão, visando o aumento no número de alunos formados. Contudo a pouca disponibilidade da coordenadora assim como a ausência desses números no 14º Relatório Gerencial do Plug Minas, não permitem avaliar a realidade dessa afirmação.

Ao se formarem os estudantes são encorajados a desenvolver um jogo, permitindo avaliar o impacto da formação no aluno. Portanto, aqueles que se formaram em Julho ainda iriam entregar o seu jogo desenvolvido. Devido a essa mudança não foi possível avaliar o estado da evasão no grupo que se formava em Julho de 2012. A coordenadora do projeto – extremamente fechada durante a entrevista e sem disposição para a discussão da iniciativa – se reservou a dizer que os índices haviam melhorado.

De toda forma, o INOVE é uma experiência bastante interessante no âmbito do Plug Minas, pois é o que mais se aproxima de uma definição clássica de cultura e experimentação digital, uma vez que está lidando com uma tendência no ramo da tecnologia de forma autônoma e bastante participativa por parte dos alunos.

3.6 Núcleo Amigo do Professor

Único núcleo cujo financiamento e reforma do espaço foi bancado pelo mantenedor – o Instituto Unibanco – o núcleo Amigo do Professor também se diferencia por não ter atividades diretamente ligadas a juventude. Seu papel se encontra no suporte às atividades oferecidas pelo Plug Minas, permitindo que seus efeitos e impactos se estendam de forma mais ampla na sociedade mineira. Uma vez que o número de alunos que acessam o Plug Minas é limitado, a ideia do NAP é permitir que professores valham-se da tecnologia para transformar a forma com que eles a utilizam em sala de aula. Busca-se que isso impacte em aulas melhores além de preparar o educador para absorver de forma mais capacitada aquilo que foi aprendido pelo aluno no Plug ao voltar para o ambiente da escola pública.

O espaço se encontra ao lado do NEJ e é bastante semelhante estruturalmente a ele. Valendo-se de cores mais azuis, refletindo a tom utilizado pelo Unibanco, é o espaço mais vazio. Em todas nossas visitas o espaço não possuía ninguém e não fossem as intervenções artísticas se diria que este era um espaço abandonado. Essa impressão foi confirmada em entrevistas com alunos, que inclusive apontaram uma subutilização do espaço e um possível fechamento dele.

Em contrapartida, em conversa com o assessor pedagógico Ramon Flazuno, uma vez que a coordenadora do núcleo não apareceu no horário combinado da entrevista. Os resultados mostrados pelo projeto dão a visão de um núcleo bastante ativo e que consegue cumprir ao que se propõe. Foram citados diversos cursos, oficinas, interações e plataformas on-line em vias de preparar o professor para o contato com as tecnologias. Cita-se também a constante interação entre os núcleos e a disponibilização dos espaços para outras atividades.

A visita institucional ao projeto permitiu que observássemos a infraestrutura e a gama de espaços bem equipados com lousas digitais e computadores, mas uma vez mais a impressão de vazio. A equipe que lá trabalhava estava restrita a uma sala e em bastante silêncio.

A importância do NAP é fundamental para se estabelecer os impactos do Plug Minas na sociedade, mas a questão que fica é a forma que isso toma no espaço. São questões que merecem ser discutidas e que podem equalizar e tornar ainda mais eficiente a gestão dos espaços do projeto.

3.8 Valores de Minas

Último núcleo da passarela e o que mais demanda de espaço físico do projeto, o Valores de Minas é a mais antiga experiência e certamente a que mais se diferencia dos outros. Com 570 vagas abertas em 2011 e 403 formandos segundo o relatório de 2011, seu foco é na arte e na cidadania e os cursos procuram trazer ao aluno a experiência de tornar cidadão por meio do questionamento proposto pelos movimentos artísticos. Em um centro que busca trazer a cultura digital e o uso de tecnologia, a presença do Valores parece por um momento antagônica. No entanto após conversas e visitas ao projeto se tornou claro sua inserção nas premissas pedagógicas.

Não há dúvidas que seria possível a construção de um relatório somente sobre a experiência do Valores de Minas. Por já estar presente no cenário cultural de Belo Horizonte desde 2005, sua legitimidade não é contestada e seu festival que ocorre no final do ano – contando com diferentes apresentações artísticas do alunato – é acompanhado inclusive pelo governador do estado. A proposta da iniciativa é promover a formação cidadã e crescimento pessoal por meio de experiências e oficinas de arte através das áreas: teatro, circo, música, dança e artes plásticas, onde cada área possui em coordenador e suas subdivisões e o norte do curso está em trazer uma profunda reflexão sobre o espaço do jovem da sociedade, colocando-o em questão e fazendo pensar seu papel frente a sociedade. O Valores é o núcleo com o menor contato com o mercado de trabalho e o que mais se aproxima de uma formação artística e cidadã.

Sendo também o núcleo com maior número de mantenedores, sendo eles o SERVAS, a Fiat, a CEMIG, a SINTRAM e a BMG, o projeto também possui o maior espaço do projeto, sendo responsáveis por quatro prédios e uma lona de circo. Há também a reforma de um dos espaços, fornecendo salas acústicas e mais um espaço amplo para atividades em grupo, além de um anfiteatro construído em uma das áreas livres. O centro do núcleo, que nos outros geralmente é deixado um vão livre com bastante verde, é aproveitado no Valores, permitindo que haja mais um ambiente para a realização de atividades, uma vez que ele é coberto por uma lona de circo e permite bastante versatilidade no que é proposto.

Outro aspecto destacável é o papel de identidade observado no projeto, buscando aliar o estudo mais técnico a questões de identidade, como no exemplo dado pelo estudo do timbre – em que o aspecto vocal de uma pessoa é relacionado à sua origem. Em conversa com o professor Ramon é identificável como os cursos buscam trazer os mais diferentes aspectos da formação dos brasileiros, passando pela contribuição do negro, do indígena ou mesmo do imigrante. Isso aliado a importância que a condição social tem na hora de seleção dos alunos – uma vez que uma das preocupações da coordenadora Samira D'Ávila é que o processo seletivo online exclua candidatos com menos acesso – torna o projeto vanguardista, dando as classes sociais mais baixas o acesso à arte e colocando-os em um papel de protagonismo e permitindo que suas intervenções culturais – muitas vezes relegadas – encontre suporte em uma grande âncora que é o projeto. Essa preocupação em trazer aqueles que são excluídos está no processo de divulgação que conta com os alunos e com a organização dos núcleos para irem às regiões mais carentes, levando intervenções e informações sobre o projeto – o que pode ser sintetizado através do Ônibus do Valores que roda a região metropolitana nas áreas mais pobres.

Entre os estudantes é possível destacar a pluralidade entre eles. Ao acompanharmos as atividades foi possível enxergar diferentes grupos e uma interação bastante forte. Um espaço bastante democrático e aberto também foi percebido, uma vez que questões como a homossexualidade dos alunos é tratada de forma aberta e não há qualquer constrangimento em relação a isso. Ao entrevistar alguns deles é possível notar seu entusiasmo, mesmo quando a arte não é o que eles escolheram para seguir na carreira. Os impactos na forma de lidar com o mundo e as ferramentas para a diminuição de barreiras como a timidez também são ressaltadas. Por outro lado, aqueles que têm a arte como opção para a vida, como no caso de Tamiris Gouveia, reiteram o aspecto de vanguarda do projeto, uma vez que é um contraponto ao elitismo da arte, tirando das grandes escolas o monopólio na formação de atrizes. A aluna que hoje estuda para entrar no curso de teatro da UFMG, afirma que o Valores é responsável por diversificar as pessoas que entram no ensino superior.

As questões e problemas do Valores estão um passo a frente do que se discute na sociedade. Apesar de um pedaço deste trabalho estar reservado para a discussão do choque de culturas no Plug, é destacável como o diferente é respeitado e o convívio facilitado. Apesar de não trazer uma conexão direta com a cultura digital e a presença de tecnologia, o Valores assimila bem o papel do protagonismo juvenil e da construção de identidade, outros nortes tão importantes quanto no Plug Minas.

4. Gestão compartilhada

Além do aspecto já abordado em relação a gestão do projeto que envolve uma série de atores e uma rígida legislação garantindo a presença de organizações sociais, Estado e iniciativa privada, o Plug Minas destaca-se por levar o seu ideário de protagonismo juvenil e seu processo decisório para aqueles que utilizam-se do projeto, buscando envolvê-los nos mais diferentes projetos.

O cuidado em contribuir um espaço democrático se encontra também no trato com os núcleos. Na proposta pedagógica fica clara a articulação deles como um todo, ou seja, como Plug Minas e não como setores isolados apenas executando seu papel de formador na área específica.

Contudo o mais destacável no processo gestonário é a participação dos alunos no processo decisório e no acompanhamento de ações realizadas. Em momentos como a decisão de qual estratégia seguir no processo seletivo, ou na avaliação do impacto da festa junina nos estudantes, demonstram que o ideário proposto pelo protagonismo juvenil não está somente nos relatórios. Os alunos são chamados a opinar e a propor interferências. A gerente executiva da Sérgio Magnani, Hannah Drummond, é enfática ao afirmar conhecer e ter uma relação bastante direta com os alunos, buscando compreender sua dinâmica e a construir uma relação mais forte. Ao acompanharmos os processos seletivos se percebem que são alunos que o tocam, além dos materiais de divulgação serem compostos por alunos também.

4.1 CODAP

O Conselho Deliberativo dos Alunos do Plug Minas - CODAP tem como principal objetivo representar os alunos, funcionando assim como elo entre eles e o Núcleo de Planejamento e Gestão, assemelhando-se com a figura de um grêmio estudantil. Criado em 2010, a entidade tem como finalidade defender o interesse dos alunos do Plug, tem estatuto próprio e são realizadas eleições para escolha de seus membros, que são indicados e elegidos pelos próprios.

O CODAP possui representantes de todos os núcleos, que reúnem-se periodicamente para discutir demandas e questões que envolvem o Plug. Não apenas como representante, o Conselho atua também na realização de atividades que envolvem a participação de todos os alunos, promovendo a integração entre os núcleos.

O Plug Minas cedeu uma sala onde pudesse funcionar a sede do CODAP, local onde funcionaria a assistência social, sendo hoje alocada para as reuniões e demais atividades rotineiras do conselho. Foi possível a presença em duas das reuniões extraordinárias do CODAP, sendo que uma apenas com alguns integrantes e a outra contando com a presença da Coordenadora Pedagógica Yara Falcão. As reuniões acontecem sempre de forma bem participativa. São debatidas problemáticas internas – como a necessidade de construção de um planejamento para o segundo semestre – atividades – como a realização da festa junina, buscando avaliar seu impacto – demandas – como a instalação de uma caixa de sugestões – além de melhorias e ideias a serem praticadas. A pauta também versa sobre a atitude de alguns alunos frente sua liberdade de expressão no Plug, o



que algumas vezes é mal interpretado pelos pais e pessoas que tomam conhecimento do assunto, um exemplo disso é a homossexualidade livremente aceita e confundida como uma temática exclusiva ao núcleo Valores de Minas.

Durante as reuniões foi possível observar o espaço para a fala de todos e um profundo respeito as diferentes opiniões. As reuniões são todas pautadas e assuntos não resolvidos são retomados – como o projeto “Perca um Livro” que pretende tornar circulante uma série de livros doados e que ficam na sala do CODAP. Apesar de já presente em outras ações do projeto, o espaço para as demandas dos jovens é institucionalizado na figura da entidade e por meio de sua ação é possível observar que ele é efetivo.

5. Encontro de culturas e seus conflitos

A natureza do projeto Plug Minas propicia que os mais diferentes grupos sociais estejam representados no espaço. Além de restringir a faixa etária do projeto dos 15 aos 24 anos, é necessário estar matriculado em uma escola pública. Esses dois fatores trazem para o espaço uma etapa na formação do ser humano repleta de conflitos além de propiciar para um estrato social o acesso a um bem público de qualidade, fato do qual são relegados historicamente. Por meio desse espectro se constrói um dos maiores valores promovidos pelo projeto, que é o encontro com o diferente e a forma de lidar com esses fatores.

Trabalhar com a adolescência é sempre um desafio. É natural dessa fase uma série de descobertas e questionamentos. A relação com o exterior e a formação de sua inserção no meio social passa a ser mais intensa. Em um espaço no qual o jovem tem acesso a atividades de qualidade e suas demandas são realmente levadas em questão, possibilita-se que seu desenvolvimento seja mais completo e efetivo.

A natureza da experiência se estende ao se observar jovens dos mais diferentes bairros de Belo Horizonte se encontrando em um só espaço. Em diversas conversas foi observável realidades e problemas distintos. Pessoas que assumem duplas jornadas e que levam horas no trânsito são comuns. Por outro lado alunos moradores de bairros de classe média alta também estão presentes – encontramos estudantes de escolas militares e escolas técnicas do Sion, Belvedere e do Carmo, bairros mais centrais e com maior acesso aos serviços – e possibilitam troca de experiências com aqueles que moram nas cidades dormitório da região metropolitana de Belo Horizonte.

No entanto uma das maiores questões presentes no projeto envolvem a religião e as questões de orientação sexual. Após uma rápida visita aos núcleos, a temática apareceu quase que naturalmente. Seja devido a natureza das atividades, seja por ser um espaço para os jovens, as duas aparecem das mais diferentes formas e geralmente atrelados ao núcleo Valores de Minas.

No tocante a religião é bastante comum a aceitação ou não das atividades propostas nos cursos dos Valores de Minas devido ao que é pregado pela religião. Por trazerem um arcabouço cultural vasto, os cursos trazem elementos da cultura africana que entram em choque com algumas vertentes do cristianismo e que acabam gerando indisposição dos alunos em realizarem o que é proposto. Contudo em conversas com professores e com a coordenadora Samira é claro a posição do projeto em defender as manifestações artísticas sem colocar em xeque o que é proposto pelo curso. Fica evidente que qualquer indisposição com as atividades são tratadas individualmente e há bastantes conversas para resolver possíveis problemas. Mas a ideia é do aluno se adaptar a pluralidade da arte e não o contrário. O exercício do respeito é praticado e as crenças religiosas ficam estritas ao espaço da individualidade.

Outro ponto são os grupos de oração que acontecem nos amplos espaços do Plug Minas. Sem se levantar qualquer questão sobre sua legitimidade, se pergunta se caso essas manifestações envolvessem religiões como o espiritismo e a umbanda teriam a mesma aceitação. De toda maneira, apesar dos conflitos que surgem, a diretriz é clara e demonstra que a pluralidade é bem vinda ao projeto.

De toda forma, o assunto mais caro e talvez o mais polêmico seja a questão da sexualidade no projeto. Nas intervenções artísticas, na forma de se vestir e nas atitudes de uma série de alunos é possível perceber um ambiente de grande aceitação em relação a homossexualidade. Ao conversarmos com alunos do Valores de

Minas vários deles ressaltam como não é um tabu o tema e como os jovens encontram um espaço para serem quem eles realmente são.

Contudo essa liberdade cria algumas rugas dentro das discussões. Em reuniões acompanhadas no CODAP uma suposta libertinagem exacerbada promoveu um caloroso debate. Discutia-se o fato de alunos beijarem outros abertamente, além de utilizarem a arte como meio para se assumir como homossexuais e a partir daí utilizar vestimentas e gestos mais característicos. A preocupação mostrada era a criação de um estereótipo para o núcleo Valores e para o projeto como um espaço somente para gays. A questão é tão aberta que algumas intervenções foram feitas no entorno da comunidade buscando compreender a imagem que o projeto tinha para as pessoas, o que acabou confirmando uma série de preconceitos.

O que se conclui, no entanto, é que independente dos impactos que essas questões tragam para o Plug Minas, se mostra que eles estão em um patamar muito mais avançado de discussão. Enquanto se discute na sociedade questões básicas como a equiparação legal de casais homossexuais, no Plug Minas já se debate em até que ponto esse avanço não está criando uma estigma negativa para o projeto – um espaço para se assumir ou exclusivo aos gays. Isso mostra que a pluralidade e o respeito são valores que estão estabelecidos no projeto e representam que uma política pública vai muito além do que números quando bem gerida.

6. O Plug Minas e seu papel frente à sociedade e ao seu entorno

Um projeto da envergadura do Plug Minas, ocupando mais de 70 km² no bairro de Santa Inês traz impactos dos mais diferenciados para a região, potencializados pelo fato de dar outro destino ao que era uma FEBEM. Os impactos ao seu entorno são difíceis de serem avaliados, mas bastante presentes. É possível observar o cuidado com a calçada e a construção de um semáforo nos acessos ao projeto além da instalação de diversas placas pela cidade indicando o caminho. Isso sem contar novos empreendimentos que surgem na região – como um restaurante que acabara de abrir no entorno.

Outro aspecto interessante são as bases em que essa política pública e sua gestão estão apoiadas. A visão predominante ali chama a atenção pelo enfoque gerencial. Apesar de partir da premissa, muitas vezes polêmica, que a relação entre o Estado e a iniciativa privada é algo positivo, a iniciativa traz uma forma bastante rígida e organizada de relação entre os entes, além de possuir um plano pedagógico claro e com bastante suporte a continuidade do aluno do projeto.

No entanto, chama a atenção o pouco conhecimento que a sociedade tem da experiência. Nos ônibus, em conversas com a população ou mesmo nos comércios ao lado do Plug Minas é observável o pouco grau de intimidade ao falar sobre ele. Por mais que as pessoas tenham ouvido falar, elas não demonstram conhecer o lugar nem o que é feito nele. Em entrevistas com as coordenadorias é possível destacar o quanto esse desconhecimento incomoda e como ele realmente é percebido pelas pessoas.



Esforços não faltam em vias de se alterar essa situação. O Plug Minas promove uma série de eventos que buscam interagir com a comunidade. Cita-se o apoio às festas juninas que ocorrem no bairro, aos colégios vizinhos e a proximidade com as associações de bairro ou mesmo o Cine Plug, iniciativa do projeto de trazer cinema para a comunidade no espaço do Núcleo Caminhos do Futuro.

Em visitas as escolas vizinhas e as associações de bairro por um lado fica claro o empenho do projeto em se aproximar desses espaços e atestar o desconhecimento da população assim como o de perceber a diferença na estrutura entre o Plug e as escolas vizinhas. Em uma delas, a Escola Estadual Horto Florestal, é chocante contrastar a infraestrutura dela com a do projeto. A diretora foi enfática ao demonstrar que as famílias pouco se

utilizam do espaço e mesmo o que é proposto pelo Plug Minas, como a capacitação promovida pelo NAP, muitas vezes é insuficiente devido a incapacidade de se replicar devido a estrutura dissemelhante em relação ao seu vizinho. Ao se caminhar pelo bairro é possível observar como as calçadas bem cuidadas estão somente em frente a experiência. No caminho para as estações Horto Florestal e Santa Inês as calçadas são esburacadas e são parcas as oportunidades de travessia do pedestre. Durante os últimos dias de visita ao projeto é que um semáforo foi instalado para permitir a travessia do ponto de ônibus para o projeto, dois depois do estabelecimento do projeto.

O que se extrai da experiência é que o Plug Minas é legitimado com um projeto que se diferencia na área de juventude, mas que precisa estender seu conhecimento para a população como um todo. Apesar de diversos jovens terem conhecido a experiência por meio de veiculação dos jornais, aqueles que não estão diretamente veiculados ao projeto não conseguem assimilar aquele espaço como público e como oposto ao que era a FEBEM. Situação que quando revertida possibilitará uma maior abrangência do projeto e maior pressão popular para que espaços diferenciados como esse sejam replicados por toda Belo Horizonte.

7. Futuro: Problemas, desafios e o papel vanguardista do projeto

A ideia do Projeto Plug Minas é oferecer aos jovens oportunidades de construir um caminho de desenvolvimento, aproveitando o direito que cada um tem de acesso a uma educação e formação de qualidade. Entre as diretrizes pedagógicas é destacável a transdisciplinaridade, o incentivo a projetos, a relação dialógica e o protagonismo juvenil.

Uma questão cara ao projeto é a sustentabilidade uma vez que o orçamento é caro – estando na casa de 8 milhões/anuais – e é inclusive maior do que o da própria Secretaria de Estado de Cultura (SEC). Apesar dos esforços bem sucedidos em boas práticas – o que permitiu a redução no orçamento do projeto no último ano – a ideia é não depender totalmente do governo, uma vez que ele está sob constante influência política. Por outro lado, os novos núcleos que se estruturarão tem seus mantenedores convidados a arcar com a construção ou reforma do espaço e a participar do custeio da alimentação e transporte para os alunos, transformando-os em mantenedores master. Entre os possíveis novos núcleos está o do SENAC com cursos voltados a área de design, o Laboratório de Culturas do Mundo que é um núcleo ainda sem prédio e o FAPEMIG/UEMG/SETEC que buscam algo relacionado a ciência e tecnologia. Iniciativas como um novo sistema de irrigação dos amplos gramados também possibilitam que o projeto se torne mais barato e tenha menos dificuldade para transitar no governo, uma vez que a questão de ser um projeto bastante caro para um número reduzido de jovens possa a vir incomodar alguns setores.

“É um projeto que é exceção, mas deve ter vocação para virar regra”, palavras do então professor Antônio Carlos, ex-presidente da FEBEM, na qual já se faz jus a ideia de replicar o projeto. A princípio o conceito é de criar um Plug Minas Móvel, que será levado até municípios que não tem capacidade de receber uma estrutura fixa, beneficiando jovens de comunidades com pouco acesso a cultura digital, as artes, dentre outros mecanismos que proporcionem uma formação completa. Essa tendência inclusive encontra-se no site, que disponibiliza um termo de replicação, que além de detalhar quais os nortes da iniciativa, dão as diretrizes necessárias para que o projeto possa se multiplicar.

No entanto, uma discussão aplicável ao projeto é a validade dessas associações com a iniciativa privada e a forma do governo de lidar com elas. Por mais que o Plug Minas seja uma iniciativa positiva para uma série de jovens, é questionável seu valor frente ao número de atendidos, Com 1015 alunos matriculados no projeto em julho de 2012 (14º RELATÓRIO). É necessário um conhecimento mais profundo da cidade de Belo Horizonte para se descobrir se o Plug Minas não é uma exceção de boa política pública – com a visita as escolas vizinhas foi possível contrastar a pouca estrutura das escolas ao lado de um grandioso projeto. Por outro lado dar à iniciativa privada uma série de facilidades – como a isenção de aluguel e o uso da estrutura do projeto – pode ser visto como um beneficiamento da mesma, uma vez que as iniciativas sociais podem ser vistas como uma ação marqueteira para um público diminuto. O fato de o projeto ter um orçamento superior a própria secretaria de cultura traz o questionamento se não se privilegia 2000 estudantes em detrimento de uma população de 6 milhões de habitantes da região metropolitana.

Apesar do grande entusiasmo frente às reformas promovidas pelo governo Aécio Neves, elas são questionáveis e podem trazer impactos negativos. O que acontecerá quando algum mantenedor resolver parar de investir no projeto? O Plug Minas acabará? Tais questões não possuem necessariamente uma resposta e serão frutos de novas discussões. O que precisa estar claro é que o que é dito pela gerente do projeto Hannah Drummond: “Manter uma Ferrari é diferente de manter um Fusca”, e o Estado precisa escolher qual a maneira mais adequada para seu projeto político de promover essa política.

Por outro lado há uma grande dificuldade do projeto em estabelecer indicadores de impactos de suas atividades. Nas mais diferentes conversas foi dificultoso entender como a iniciativa interfere na vida dos alunos. É completamente compreensível a dificuldade de se elaborar medidas para se avaliar o protagonismo juvenil, mas é observável a falta de números acerca da colocação no mercado de trabalho – questão importante a núcleos como o NEJ, a Oi Kabum e ao Inove – ou a razão de evasão dos alunos. Nas entrevistas esses assuntos foram tratados a partir da discussão de casos pessoais, específicos. Além disso, foi complicado ter acesso a esses alunos pela dificuldade de contato com eles e por envolver questões de privacidade.

Não há dúvidas de que o projeto é impactante na vida de seus usuários – estando isso mais do que explícito na fala dos funcionários, alunos e professores. No entanto existem questões importantes a se discutir e que estendem o impacto da experiência na cidade. Elaborar um relatório sem divagar sobre essas questões é irresponsável e se mostra importante para se analisar a forma de construção de políticas públicas no Brasil.

8. Conclusão

Após três semanas de convivência junto ao projeto Plug Minas, foi possível observar que apesar de toda a complexidade no que tange seu processo de gestão, parcerias, relações entre núcleos e problemas internos, existe a responsabilidade de atuar como referência em políticas na área de juventude, abarcando áreas da cultura, protagonismo juvenil, educação, desigualdade social, promoção de direitos e muitas outras.

É muito interessante à lógica de estruturação do projeto, sua proposta pedagógica que difere do comum em processo de educação de jovens e adolescentes, além de suas grandes possibilidades de desenvolvimento e replicação em Belo Horizonte e para demais cidades. Em apenas três anos de existência, aproximadamente 300 escolas foram contempladas e em 2012 mais de 13 mil candidatos inscritos para o processo seletivo.

Por outro lado o projeto é interessante por promover uma série de questões acerca de sua validade frente a sociedade mineira. Seu orçamento e o número de alunos atendidos chamam a atenção e suscitam questionamentos. Cabe agora à sociedade civil e ao Estado avaliarem os impactos do projeto e o quão importantes são eles para a construção da cidade. Para os 2000 jovens atendidos pelo projeto ele certamente é indispensável, vale a pena entender qual a relação com o restante dos jovens da região.

9. Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das nações de adolescência e juventude no contexto brasileiro (2005). Disponível em: http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Publicacoes/juventude_adolescencia_brasil.pdf . Acesso em 04 de Setembro de 2012 às 18:40.

ALVES, Laís Fonseca; LARA, Ana Carolina Henrique Siqueira; SILVEIRA, Mauro César da. Plug Minas: intersectorialidade na gestão de um projeto social. Disponível em: <http://www.emapegs.ufv.br/docs/Artigo18.pdf>. Acesso em 14 de Agosto de 2012 às 20:50

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A Reforma da Administração Pública (1996). Disponível em: <http://bresserpereira.org.br/view.asp?cod=88>. Acesso em 05 de Setembro às 17:40.

CAMPOS, Éder Sá Alves; GUIMARÃES, Tadeus Barreto. Políticas públicas para a juventude em Minas Gerais: A aposta estratégica nos jovens mineiros. Disponível em: http://www.seplag.rs.gov.br/upload/Painel_54_Eder_e_Tadeu_formatado.pdf. Acesso em 18 de Agosto de 2012 às 17:40.

FREITAS, Maria Virgínia de. Apresentação (2005). Disponível em: http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Publicacoes/juventude_adolescencia_brasil.pdf. Acesso em 04 de Setembro de 2012 às 17:40

LEON, Oscar Dávila. Adolescência e Juventude: das nações às abordagens (2005). Disponível em: http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Publicacoes/juventude_adolescencia_brasil.pdf. Acesso em 04 de Setembro de 2012 às 18:00.

MINAS GERAIS. Lei nº 14870, de 16 de dezembro de 2003. Lei nº 14870. Disponível em: <http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:minas.gerais:estadual:lei:2003-12-16;14870>. Acesso em 12 de Agosto às 12:25.

PLUG MINAS. Relatório Plug Minas 2011. Relatório Interno. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://plugminas.mg.gov.br/#!/items/20120625153732993>. Acesso em 18 de Agosto de 2012 às 14:50

PLUG MINAS. Termo de Replicação – Critérios. Disponível em: <http://plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20110105105039109>. Acesso em 14 de Agosto de 2012 às 18:40

QUAL a diferença entre OS e Oscip? Disponível em: http://www.revistafilantropia.net.br/_ORF/materias.asp?Id_pagina=3055. Acesso em 25 de Agosto de 2012 às 18:20.

REGIMENTO Interno. Disponível em: <http://www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20101130180816156>. Acesso em 07 de Agosto de 2012 às 10:25

RELATÓRIO Plug Minas 2011. Disponível em: <http://plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20120625153732993>. Acesso em 10 de Agosto de 2012 às 15:30

TERMO de Parceria. Disponível em: <http://www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20110502171539890>. Acesso em 07 de Agosto de 2012 às 09:40

VILHENA, Renata et al. (Org.). O Choque de Gestão em Minas Gerais: políticas da gestão pública para o desenvolvimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

13º Relatório Gerencial (Resultados). Instituto Sérgio Magnani. Disponível em: <http://www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20120307192033390>. Acesso em 24 de Agosto de 2012 às 17:40

14º Relatório da Comissão de Avaliação do Termo de Parceria celebrado entre a Secretaria de Estado de Cultura e a OSCIP Instituto Cultural Sérgio Magnani, com interveniência da Secretaria de Estado de Esportes e Juventudes. Disponível em: <http://plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20120816101053950>. Acesso em 24 de Agosto de 2012 às 19:00